



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**NIQUEZIA ROCHA MARQUES**

**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS SURDAS  
E A MÚSICA: CAMINHOS POSSÍVEIS**

Maceió, 2024

**NIQUEZIA ROCHA MARQUES**

**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS SURDAS E A MÚSICA: CAMINHOS POSSÍVEIS**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. Janayna Paula Lima de Souza Santos.

Maceió, 2024

**NIQUEZIA ROCHA MARQUES**

**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS SURDAS E A MÚSICA: CAMINHOS POSSÍVEIS**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Artigo Científico defendido e aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Orientadora: Profa. Dra. Janayna Souza

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Janayna Souza  
Centro de Educação/Universidade Federal de Alagoas – UFAL

---

Prof. Dr. Pedro Paulo Viana Figueiredo  
Centro de Educação/Universidade Federal de Alagoas – UFAL

---

Profa. Ma. Noélia Rodrigues dos Santos  
Campus do Sertão/Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Maceió, 2024.

## APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS SURDAS E A MÚSICA: CAMINHOS POSSÍVEIS

Niquezia Marques (CEDU/UFAL)  
E-mail: niquezia.marques@cedu.ufal.br  
Janayna Souza (CEDU/UFAL)  
E-mail: janayna.souza@cedu.ufal.br  
Professora orientadora

**RESUMO:** A inclusão gera interesse de pesquisadores e professores da educação básica em vários aspectos. Por se tratar de uma tarefa desafiadora, os educadores podem utilizar a música como ferramenta para garantir a aprendizagem de crianças surdas. Assim, surgiu a seguinte inquietação: Como a música pode ser utilizada em sala de aula para facilitar o aprendizado de crianças surdas? O objetivo dessa pesquisa foi descrever e analisar a produção científica de 2013 a 2023 sobre a utilização da música na aprendizagem de crianças surdas. O método utilizado foi a análise bibliográfica em teses, dissertações e monografias de pós-graduação provenientes de programas de pós-graduações brasileiros. Foi apontada a falta de formação de professores para atuar com o público diverso e a identificação de pontos convergentes entre os estudos, como a interação, a comunicação, a psicomotricidade, a linguagem e os efeitos positivos da música sobre a socialização das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Inclusiva; Educação de surdos; Música.

### 1. INTRODUÇÃO

A música pode ser considerada um instrumento valioso tanto no processo de ensino quanto no processo de aprendizagem. Nessa pesquisa, foram tecidas algumas reflexões que iluminam os processos dos quais as crianças surdas conseguem aprender certos conteúdos através da música, vistos sob a ótica da Educação Inclusiva.

Um dos instrumentos que mais contribui nas relações sociais, é a música. Possui a capacidade e a diversidade de alcançar todos os sentidos humanos, além de ser parte do desenvolvimento da humanidade. Logo, o seu papel na Educação Inclusiva, se torna crucial para a interação dos indivíduos, incluindo as pessoas surdas.

Na prática, notam-se as dificuldades entre docentes e discentes quanto ao sujeito surdo e em como desenvolver práticas pedagógicas inclusivas. Posto isto, torna-se relevante estudar e discutir o assunto a fim de conscientizar os/as professores/as, para a realidade da pessoa surda e para a garantia dos seus

direitos. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, Art. 60-A, part. 1º:

Haverá, quando necessário, serviços de apoio educacional especializado, como o atendimento educacional especializado bilíngue, para atender às especificidades linguísticas dos estudantes surdos (BRASIL, 1996).

Direito estabelecido, mas a realidade dos surdos ainda enfrenta desafios. Com essa inquietude, esta pesquisa buscou amparar esses direitos, a prática docente e o uso da música.

A escolha deste tema justifica-se pela experiência da primeira autora junto à comunidade surda, na Associação de Amigos e Pais de Pessoas Especiais (AAPPE), em Maceió. Nesse espaço, a autora desenvolveu atividades como Jovem Aprendiz, conheceu a comunidade surda, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), fez amizades, compartilhou momentos e aprendizados e decidiu aprofundar seus conhecimentos na graduação, seguindo a perspectiva da Educação Inclusiva.

Durante esta experiência, pôde perceber o quanto é importante para as pessoas surdas, se sentir parte da sociedade por meio de diversas atividades, no campo profissional, do lazer e da aprendizagem. E durante a experiência na Educação Infantil, observou as contribuições da música na rotina das crianças, mas não viu crianças surdas.

Com as experiências da autora e as leituras realizadas, surgiu a seguinte inquietação: Como a música pode ser utilizada em sala de aula para facilitar o aprendizado de crianças surdas? Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar as produções científicas sobre a utilização da música no processo de aprendizagem de crianças surdas, bem como explorar métodos eficazes de implementação em sala de aula.

Estudar a integração da música no ensino de crianças surdas é crucial para desenvolver práticas pedagógicas mais inclusivas, que atendam às necessidades específicas desses alunos, conforme previsto na LDB.

A fundamentação teórica escolhida segue os estudos sobre a música em sala de aula, considerando a obra de Martins Ferreira (2013); da musicalização para surdos, a partir de Akeho e Gomes (2014) e Gattino e Rodrigues (2015); e, sobre a importância da música na aprendizagem, a partir de Rosangela Bragatto (2012). O

método utilizado foi a análise bibliográfica em teses, dissertações e monografias de pós-graduação provenientes de programas de pós-graduações brasileiros. As pesquisas apontam diversos efeitos positivos, quanto a música e a pessoa surda.

## 2. COMO AS PESSOAS ESCUTAM MÚSICA?

Onde há vida, há som. E a música é o som da alma, como alguns autores gostam de enfatizar. De acordo com Bragatto (2012), desde o período gestacional, o feto passa a sentir sensações a partir dos sons, vibrações que o alcançam no útero, através da mãe. E lá, acontece a troca de sensações quando a mãe passa a escutar os sons das batidas do coração do seu bebê. Sendo assim, a música perpassa todas as etapas da vida do ser humano, e vem se tornando uma ferramenta essencial no ambiente escolar, pois contribui no aprendizado, socialização, criatividade e no desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), a música faz parte do Campo de Experiência 3. *Traços, sons, cores e formas*<sup>1</sup>, da Educação Infantil com o objetivo de:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos (BRASIL, 2018).

Sendo assim, desde as primeiras experiências da infância, a música deve estar presente em diferentes linguagens e formas de manifestações artísticas. Sendo um direito para todas as crianças, o ambiente escolar precisa estar adequado aos espaços, linguagens e recursos a serem utilizados de forma inclusiva.

---

<sup>1</sup> Trata-se de cinco campos de experiência que compõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Que são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; E espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BNCC, 2018).

A música está relacionada às diferentes formas de expressão e linguagens, como formas de direito da criança na Educação Infantil. Sua aplicabilidade na aprendizagem é o instrumento inicial para as primeiras experiências das crianças (BNCC, 2018). Como principal fonte do desenvolvimento comunicativo e social, a música participa do processo do letramento dos indivíduos. Letramento é conhecimento social adquirido pelo sujeito, antes da sua aquisição da leitura e escrita.

Há diversas formas de se apreciar a música, não apenas com a audição. Segundo Michel Martins (2015):

As múltiplas possibilidades de educação musical criativa trazem ao educando uma visão de mundo abrangente, pois para efetivar o processo criativo diversas atividades psicomotoras são necessárias, como lateralidade, percepção tátil, visual, verbal e auditiva, tônus, coordenação motora (fina e grossa), coordenação da dinâmica geral, esquema corporal, equilíbrio (Martins, 2015, p. 56).

O autor enfatiza as múltiplas possibilidades presentes nas práticas musicais, ou seja, a música não é restrita a um único conceito. Ela possui diversas possibilidades nos campos das experiências e aprendizagens, atendendo a públicos diversos e às suas especificidades, além de garantir ao indivíduo maiores possibilidades de desenvolvimento.

“A música é uma forma de comunicação tão antiga quanto a própria comunicação humana, e sua história se confunde com a própria história da linguagem e dos atos comunicativos humanos” (Martins, 2015). Segundo o autor, a música possui registros da partitura musical desde os registros da língua escrita. E não é necessariamente preciso aprender sobre as técnicas musicais para aprender produzi-la, ela vai além do escutar.

Em sua obra, Ferreira (2013) aborda as formas de expressão pela música como forma de ensino, e, para isso, ele explica que:

Temos a capacidade auditiva de detectar apenas determinadas frequências sonoras, dando àquelas que não escutamos o nome de “silêncio”; mas o silêncio na Terra de fato não existe, caso contrário não teríamos vibração e, portanto, não teríamos vida. Nós, nossa vida e tudo que a cerca, poderíamos ser considerados como música também, com a distinção não sermos uma organização sonora feita pelo ser humano. Simplesmente estamos insertos numa “estrutura musical” enorme e extremamente complexa, a qual não dominamos por completo (Ferreira, 2013, p. 15).

Ou seja, estamos imersos no som da natureza. Essa é a base para se entender o que é som, e partir disso, saber usar a música. Não apenas em sala de aula, mas no cotidiano e em diversas formas, para todos os tipos de pessoas. A música traz harmonia à vida: “Cantar é vibrar e vibrar é viver” (Ferreira, 2013, p. 16). Posto isso, Martins Ferreira (2013) estabelece dois pontos para essa questão: primeiro, compreender o que faço, com a maneira pessoal de expressar-me; e, em segundo, ser compreendido por aqueles que me cercam.

Compreende-se, assim, a grande importância das composições criadas, a fim de transmitir e expressar conhecimentos ao longo da história. Destacamos este ponto para a Educação Infantil, estando eles em desenvolvimento social, se construindo como sujeito letrado.

Sendo assim, Ferreira (2013) explica a influência da música no aprendizado de outras disciplinas, sendo ela uma das primeiras manifestações verbais orais da humanidade. “Quem não garante que o homem não pensou primeiro em cantar, talvez imitando os pássaros, antes de pensar em falar? E foi assim, que acabou descobrindo que sua voz servia para comunicar-se com os outros” (Ferreira, 2013). Se observarmos, de fato a linguagem oral acontece dessa forma: os bebês iniciam balbuciando, imitando os sons que escutam, seja de músicas ou das falas dos adultos. E aprendem a falar, cantar, antes mesmo de aprender a ler e escrever. As pessoas sempre foram atraídas por algo. Pelos sons, paisagens, e apreciando, sempre buscou reproduzir.

A música possui uma vasta diversidade de gêneros e formas. Para essas diferentes formas, se faz necessário aprender a ouvir, sentir e, se possível, tocar a música (Ferreira, 2013). Com base no que o autor dispõe, a música pode ser compreendida com base em quatro aspectos: para cantar; para tocar; para dançar; para encenar. Essas formas de expressão distintas merecem ser descritas e comentadas a seguir.

## **2.1 “A música para cantar”**

Segundo Ferreira (2013), a voz é um instrumento natural do nosso corpo, e o som produzido por ela é transmitido pelo ar expelido para fora do nosso corpo. Para

produzir a voz, esse ar precisa passar pelas cordas vocais. Mas o ar expelido para fora de nosso corpo também produz diferentes sons por meios de instrumentos. Ao tocar uma flauta, trompete, clarinete e de maneira inclusiva, abrange a todo ser vivo que produz ar em seus pulmões.

Um dos exemplos citado por Akeho e Gomes (2014) é o da escritora surdo-cega Helen Keller, que possuía uma capacidade nomeada “ouvido nos dedos”. Através do tato, ela apreciava a música e não encontrava obstáculos, pois a música lhe proporcionava a mais pura emoção. Sendo assim, podemos proporcionar um modelo de aprendizagem com a música que seja inclusivo, utilizando os instrumentos.

As crianças surdas podem participar de momentos de interação, junto as crianças ouvintes, de forma lúdica por meio de músicas cantadas. Como por exemplo as cantigas populares, usadas na Educação Infantil (Ciranda, cirandinha; Peixe vivo; Borboletinha e outras).

## **2.2 “Música para tocar”**

Ferreira (2013) explica que, desde o primeiro momento de vida, o ser humano desenvolveu a habilidade de construir instrumentos com potencialidades sonoras, produzindo os sons mais diversos, conhecidos hoje como “instrumentos musicais”. A partir daí, os instrumentos foram chamando a atenção das pessoas, que se interessaram em aprender a tocá-los, criando-se concertos musicais, recitais e orquestras.

Aprender sobre a música instrumental é algo maravilhoso. Por meio dela, você pode perceber, observando os instrumentos desde o modo como são construídos até a maneira como são tocados, como o ser humano evoluiu nessa arte de fazer e de manipular objetos que produzissem sons diversos para além daqueles que tinha em si mesmo (Ferreira, 2013, p. 153).

A música instrumental faz parte da evolução da criatividade humana, que o permiti se expandir na sua forma de se expressar. Partindo desta habilidade, o autor sugere que o professor utilize os instrumentos como forma de aprendizado em outras disciplinas, como as proporções geométricas e matemáticas. Essa

abordagem despertará o interesse dos alunos, pela curiosidade de manusear e conhecer tal instrumento.

### **2.3 “Música para dançar”**

Segundo o autor, é aquela música na qual não há expressividade verbal, apenas corporal (Ferreira, 2013), em que o movimento do corpo é direcionado pela sonoridade musical. Partindo de uma organização artística e profissional, os bailarinos desenvolvem suas performances através de técnicas de um desenvolvimento coreográfico único do balé.

Essas e outras formas de expressão são consideradas pelo autor como uma forma musical mais profunda. O indivíduo necessita transmitir suas emoções, sua arte, pelas expressões de seu corpo. Esta é uma habilidade natural de todo ser humano. Toda expressão é livre. E as crianças também podem se expressar, a partir do ritmo musical.

A partir das ondas vibrações, a criança surda terá a oportunidade de experimentar os seus movimentos, gestos. E o/a professor/a pode planejar esse momento de acordo com as especificidades desse aluno/a.

### **2.4 “Música para encenar”**

Por fim, Ferreira (2013), apresenta a música no contexto da encenação no teatro através da ópera e da opereta. As apresentações acontecem no teatro, como forma de canto dos textos, como uma manifestação mais intensa, onde se reúnem, em um único espetáculo, balé, música, literatura e poesia.

As práticas educativas inclusivas que podem ser aplicadas por meio da encenação são inúmeras. As pessoas surdas tem grandes habilidades de encenação, também, por meio da Língua Brasileira de Sinais – Libras, onde são estimuladas expressões corporais de todas as formas. Os/as professores podem incluir propostas de apresentações em diversos temas.

As habilidades musicais podem ser expressas de diversas formas. Foram destacadas quatro formas de usar a música, citadas pelo autor. Música para cantar;

para tocar; para dançar; para encenar. Cada uma delas é destacada com altas habilidades para utilização na sala de aula de forma interdisciplinar. Ferreira abre os horizontes dos professores para tais possibilidades, enfatizando a diversidade e despertando o ser criativo em cada uma delas.

As ideias de Ferreira (2013) reforçam as conclusões de Bragatto (2012, p. 14), de que “a música se resume num processo de construção envolvendo o perceber, o sentir, o emitir, o experimentar, o criar, o recriar e o refletir”. Sendo assim, a música está presente nos sentidos e nas emoções de cada pessoa.

A autora afirma que “a música contribui para o diálogo interno e externo do ser humano” (Bragatto, 2012, p.16). Como a principal fonte de comunicação, formada por sons, ritmo, dança e outras formas, a música está presente em todas as etapas da vida, presente em diferentes formas na natureza, na arte, expressando sentimentos e absorvendo diferentes tipos de emoções. É impossível definir a música em um único aspecto. Ela perpassa todos os períodos históricos, culturais e sociais. A música está presente na natureza, no corpo, no imaginável.

Segundo Fernando Lazzetta (2001), “qualquer definição de música representaria, quando muito, a definição de uma música em particular, ou ainda, apenas o ponto de vista restrito e particular sobre o assunto”. Sendo assim, deve-se buscar entender, o que a música oferece, o que ela transmite, e o efeito que ela causa no ser humano. Tal processo se dá a partir da musicalização, que são práticas desenvolvidas com ou a partir da música, buscando despertar o gosto e as habilidades musicais.

## **2.5 A musicoterapia**

A musicoterapia é a música usada de forma terapêutica. Isto se deu a partir dos estudos sobre o que a música provoca nas emoções e na subjetividade das pessoas. Segundo Rejane Sousa (2018), musicoterapia é a forma de tratar dos pacientes com música, favorecendo a saúde e o bem-estar através de diversas formas de aprendizado, expressões e arte. Cunha e Volpi (2008) afirmam:

A musicoterapia é um campo da ciência que estuda o ser humano, suas manifestações sonoras e os fenômenos que decorrerem da interação entre as pessoas e a música, o som e seus elementos: timbre, altura, intensidade

e duração. A sistematização da teoria e da prática musicoterapêutica teve início nos meados do século passado e vem se solidificando por meio de um crescente número de estudos e pesquisas na atualidade (Cunha e Volpi, 2008, p. 86).

Ou seja, trata-se de uma prática que vem ganhando espaço nos estudos e pesquisas, como um importante instrumento relacionado ao ser humano, e os seus efeitos. Principalmente no campo psíquico, ao que se refere ao efeito das manifestações sonoras e seus efeitos.

Desde então, as descobertas com a prática musicoterapêutica vêm contribuindo significativamente para crianças e pessoas com transtornos mentais. Para os autores, “o objetivo da ação musicoterapêutica centra-se em trazer à consciência das pessoas essa dimensão de ser sonoro-musical” (Cunha e Volpi, 2008, p. 86), conforme a sensação que ela proporciona de oferecer bem-estar durante um processo harmonioso, com ações e efeitos positivos.

Em vista disso, ganha relevância a discussão sobre o ensino da música na educação infantil e de forma mais específica, entender como esse ensino alcança crianças surdas que frequenta a sala de aula regular. Nas seções seguintes, serão respondidas essa e outras perguntas.

## **2.6 A música na aprendizagem de crianças surdas**

Para tratar da aprendizagem de crianças surdas, devemos conhecer e compreender os desafios enfrentados na Educação de Surdos, assim como as pessoas com outras deficiências que eram consideradas fora do padrão. Os autores Cibele Krause-Lemke et al. (2016) explicam que, em 1880, em Milão, Itália, o Congresso Internacional de Educação de Surdos teve como principal objetivo extinguir a Língua de Sinais e propor a metodologia oralista. Isso significa um falso processo de inclusão, no qual as pessoas surdas eram submetidas, a se adaptarem aos sistemas existentes. Marcada por uma exclusão significativa, os surdos enfrentavam um tipo de reabilitação, a fim de desenvolver o oralismo. Enquanto isso, o uso da Língua de Sinais havia sido proibido (Krause-Lemke, 2016).

Sem bons resultados, o oralismo deixou de ser o único modelo. Então, criaram um novo modelo, “comunicação total”, onde se praticavam sinais, oralização,

leitura labial, gestos e outros métodos, também resultando negativamente. Os alunos surdos ficavam confusos, tornando-se um grupo em desvantagem. Após várias tentativas frustrantes, decidiram autorizar a comunicação por meio da Língua de Sinais na década de 1960, quando ela foi reconhecida, por meio dos estudos de William Stokoe. No entanto, foi observado nas salas de aula, com surdos e ouvintes utilizando as mesmas estratégias metodológicas, um baixo desenvolvimento dos alunos surdos, ocasionando no crescimento de surdos analfabetos (Krause-Lemke, 2016).

Diante disso, os autores defendem as metodologias do bilinguismo e da Pedagogia surda, respeitando as singularidades dos alunos surdos. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais, Lei nº 10.436, foi reconhecida em 24 de abril de 2002. A partir daí, foram inseridos os intérpretes de Língua de Sinais na escola regular. Porém, a presença de Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (TILS) é uma organização pensada para ouvintes e não quanto a sujeito surdo e suas especificidades.

O surdo precisa da sua experiência visual, de uma educação bilíngue regular, onde a sua língua materna é priorizada, sendo a segunda Língua Portuguesa, e que suas potencialidades sejam vivenciadas na aprendizagem. A comunidade surda deseja a valorização da sua cultura e de suas identidades (Krause-Lemke, 2016).

Conhecendo os caminhos da aprendizagem do surdo, levantamos a reflexão de uma metodologia musical, conhecendo os benefícios da mesma no desenvolvimento infantil, e para isso, como aplicá-la na aprendizagem de crianças surdas.

A Sociedade Nacional de Crianças Surdas (NDCS), através da Universidade Federal de São Carlos, criou um guia de “como tornar atividades musicais acessíveis para crianças e jovens surdos”. O guia tem como objetivo oferecer informações aos profissionais, para que possam construir, garantir e aplicar atividades musicais em que crianças e jovens surdos participem integralmente. Foi construído com o apoio de músicos surdos do Reino Unido, juntamente com as sugestões de pesquisadores (NDCS, 2019).

Os pesquisadores apontam que é um equívoco pensar que pessoas surdas não podem participar e apreciar as atividades com música (NDCS, 2019). A

experiência musical é única para cada um, sejam ouvintes ou não, e todos podem apreciá-la de diferentes formas, como por meio de vibrações, aspectos visuais e performances.

A música tem ricas contribuições para o desenvolvimento infantil, como o aumento da autoconfiança e melhorias nos aspectos emocionais, cognitivos e no desenvolvimento das habilidades motoras. A música pode e deve ser utilizada de forma inclusiva. Diante disso, eles destacam algumas dicas para o uso da música de forma eficaz. Segundo o guia, as principais dicas são (NDCS, 2019, p. 6):

**O que se deve fazer:**

- Pergunte ao jovem ou à criança como você deve se comunicar com ele;
- Use seus braços e expressões faciais para ser o mais visual possível;
- Ensine ou pratique em salas que não tem nenhum ruído de fundo;
- Estabeleça o ritmo e dê instruções antes de tocar música;
- Ensine em grupos pequenos;
- Tenha ciência de que aparelhos auditivos e implantes cocleares diferentes variam na maneira de processar diferentes frequências;
- Deixe o aluno decidir que instrumento ele gostaria de aprender.

Figura 1: Aparelho auditivo retro auricular.



Fonte: NDCS, 2019.

Figura 2: Implante coclear.



Fonte: NDCS, 2019.

**O que não se deve fazer:**

- Trabalhe em uma sala que tenha eco;
- Mova-se enquanto fala ou faz alguma demonstração;
- Falar enquanto apresenta uma música;
- Ficar frustrado se a criança ou jovem surdo repete o mesmo erro várias vezes;
- Desistir de alguém que está preso em algum erro; tente explicar de maneiras diferentes, escreva ou use desenhos.

Essas dicas são sugeridas pelos autores da pesquisa (NDCS, 2019), a partir de suas experiências e relatos acolhidos. Elas têm como objetivo, contribuir positivamente com o aprendizado musical das pessoas surdas, criando métodos que os auxiliem, o professor e o discente. Através disso, comprova-se a importância da musicalidade para os surdos. Assim como os ouvintes, os/as surdos/as podem usar a música em suas aprendizagens.

Reforçando os argumentos, são apresentados alguns estudos de casos. O primeiro é da professora Lucy. Ela dá conselhos relacionados à sua experiência com seus alunos surdos e destaca: “não fique sobrecarregado”. Fala sobre o/a professor/a não ficar preso em uma única habilidade e respeitar as especificidades dos/as alunos/as, valorizando as diferentes habilidades. As pessoas surdas possuem suas potencialidades, tendo afinidade a um estilo musical diferente e apreciando de outra forma. Cabe ao/a professor/a manter o olhar atento aos pontos fortes deste/a aluno/a.

O segundo relato de caso é da professora e musicista surda, Ruth Montgomery. Ela enfatiza o seguinte: “Assim como com qualquer criança auditiva, é sempre bom introduzir uma criança surda à música o mais cedo possível!”. Essencialmente, a música participa do desenvolvimento da criança. Primeiras interações e movimentos estão sempre na busca do ritmo, e na expressividade das emoções.

Ela também contribui com muitas dicas como: manter o contato visual e as expressões faciais, encorajar na construção de ritmos, trabalhar em grupos e desenvolver a sensibilidade suavemente. E o mais importante, promover uma participação ativa das crianças, com interações na infância, que é direito de toda criança. Para isso, é preferencial usar músicas simples, na versão em Libras, introduzir instrumentos, e não esquecer de trabalhar os aspectos visuais. A seguir, será apresentada figuras, com relatos de casos.

Figura 3: George é um baterista surdo que toca para um conjunto de Bronze Junior e para o Clube de Samba de sua escola.



Fonte: NDCS, 2019.

Figura 4: Matilda é uma saxofonista surda que toca em orquestras e bandas e participou do Congresso Mundial de Saxofone.



Fonte: NDCS, 2019.

Os relatos fomentam ainda mais a aquisição da música na aprendizagem de crianças surdas. Os caminhos são possíveis e engrandecedores. Cada experiência e relato incentivam o esforço e dedicação de/as professores/as, para que possam cada vez mais, perder seus receios e começar a inovar suas experiências.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada compreende uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. O método empregado foi a análise bibliográfica em teses, dissertações e monografias de pós-graduação provenientes de programas de pós-graduações brasileiros, de caráter qualitativo, com o objetivo A fim de promover resultados, com possíveis soluções metodológicas. Partindo do questionamento, como usar a música em sala de aula de modo que todas as crianças compreendam seu uso e aprendam com ela? Foram selecionados trabalhos que abordam a música

no processo de alfabetização e letramento, a musicalização com pessoas surdas, e a musicalização na educação infantil.

Conduzindo o questionamento "Como usar a música em sala de aula de modo que todas as crianças compreendam seu uso e aprendam com ela?", foram selecionados trabalhos que abordam a música no processo de alfabetização e letramento, a musicalização com pessoas surdas, os processos de alfabetização e letramento com pessoas surdas, e a musicalização na educação infantil.

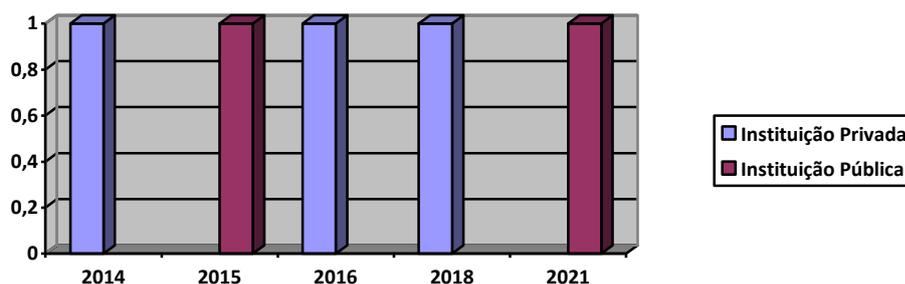
O destaque da pesquisa recaiu sobre a pessoa surda, devido ao capacitismo em relação ao estudante surdo e à música, que muitas vezes é visto como incapaz de apreciá-la. Em vista disso, ganha relevância a discussão sobre o ensino da música na Educação Infantil e, de forma mais específica, entender como esse ensino alcança crianças surdas que frequentam a sala de aula regular. Na seção seguinte, serão respondidas esta e outras perguntas.

#### **4. PESQUISAS NO BRASIL SOBRE A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA EM SALA DE AULA**

Foram analisadas onze produções científicas publicadas entre os anos de 2013 e 2023. No geral, as produções, que incluem artigos, dissertações e monografias, abordam temas relacionados à alfabetização e letramento dos surdos, à musicalização no processo de alfabetização e letramento, à musicalização com surdos e à educação dos surdos.

- Os critérios de inclusão foram: publicações entre os anos de 2013 a 2023; temas relacionados a Alfabetização e Letramento dos Surdos; a musicalização no processo de Alfabetização e Letramento; musicalização com Surdos; e Educação dos Surdos.
- Os critérios de exclusão foram: publicações anteriores ao ano de 2013; e temas não relacionados a Educação de Surdos e a Musicalização.

As cinco produções analisadas se classificam em estudos realizados em órgãos públicos e privados, e com prevalência em pesquisa bibliográfica. Observe o gráfico a seguir.



A seguir, será apresentada a análise das cinco obras escolhidas na pesquisa realizada.

O artigo **“Musicalização para Surdos: contextualização e possibilidades de abordagem”** de Ivo Gomes e Laysa Akeho (2014), traz um questionamento sobre o experimento musical da pessoa surda. Partindo dos direitos de todos os indivíduos, surdos ou ouvintes, que têm o mesmo privilégio de satisfação, pois “somos seres musicais por natureza” (Granja, 2006).

Diante das perspectivas da Educação Inclusiva, é necessário analisar os aspectos relacionados à valorização da pessoa surda. Os autores levantam a questão de que todos têm o direito de usufruir de momentos e recursos como estes. O objetivo do estudo é:

não esgotar as possibilidades ou definir uma metodologia para a educação musical de surdos, mas proporcionar uma reflexão sobre as formas como pensamos e entendemos a música, o surdo e a educação. O outro objetivo deste trabalho é ressaltar as especificidades da educação musical pensada para esses indivíduos, buscando com isso proporcionar a ambos, ouvintes e surdos, novas possibilidades de viver e fazer música (Akeho, Gomes, 2014, p. 4).

Através das contribuições de autores nas referidas áreas (Silva, 2008; Sá, 2008; Hagiara-Cervellini, 2003) da educação musical de surdos, e discutindo formas para que os alunos possam vivenciar e experimentar a música, os/as autores/as (Akeho, Gomes, 2014) fazem uma crítica ao tipo de inclusão que tenta resolver o problema colocando aparelhos nos surdos, como se o problema estivesse neles. Sendo assim, a Libras, é um direito do surdo de se expressar, socializar e fazer parte da educação que é para todos. A melhor forma de aprendizado do surdo é através do método bilíngue, no qual o professor se comunica pela língua de sinais e pelo português falado. Portanto:

O foco desta pesquisa partiu do princípio de uma visão ampla de educação, voltada para a construção de saberes e desenvolvimento de indivíduos plenos, que sejam autônomos e autênticos na sua forma de lidar com as situações que lhe são apresentadas no cotidiano (Akeho, Gomes, 2014, p. 10).

O texto se refere à musicalização, destacada como prática musical. Os autores mencionam as sete inteligências múltiplas (Gardner, 1995), falando sobre a inteligência musical, afirmando que todo ser humano tem capacidade de desenvolver suas habilidades cognitivas, afetivas, motoras e sociais musicais. Eles abordam o sujeito estigmatizado, sendo o/a surdo/a visto pela sociedade como alguém que não atende ao padrão da social e, por isso, tem certas limitações de acesso. Quando se refere à música, isso se torna algo inalcançável, pois o/a surdo/a precisaria ouvir para desfrutá-la.

Todo indivíduo recebe as vibrações dos sons através da pele, sendo esta a portadora de som. Assim, o tato se torna a ferramenta de escuta do surdo, possibilitando também a sua expressividade musical. Outro componente da escuta significativa é a visão. A música, de fato, desperta algo muito forte em todos os sentidos. É possível criar na imaginação uma percepção musical a partir dos ritmos e melodias. Segundo Akeho e Gomes (2014), a compreensão da música se dá pela cooperação dos sentidos, e não apenas da audição.

Há outras formas do surdo apreciar a música, como por exemplo os aparelhos tecnológicos, aparelhos auditivos, cocleares, que não são muito aprovados pelos/as surdos/as, que preferem apreciar a música a partir de suas potencialidades. Segundo os autores:

A musicalidade é uma experiência humana. Não é atributo exclusivo de indivíduos com talento ou boa percepção auditiva, mas reflete o fluxo interno com que o indivíduo se relaciona com estímulos externos. Essas relações produzem reações de ordem emocional e cinética em sua natureza expressiva, como por exemplo, a associação intrínseca que existe entre o movimento corporal e o movimento sonoro (Akeho, Gomes, 2014, p. 17-18).

Os autores trazem o exemplo da musicista, Evelyn Glennie, que é um grande exemplo de que é possível para o surdo sentir e apreciar a música. A percussionista é portadora de deficiência auditiva severa, desde os 12 anos de idade. Assim como qualquer pessoa, ela vivencia e experimenta suas potencialidades. Eles concluem

que um dos principais motivos da falta de inclusão musical de surdos é a falta de preparo e recursos por parte dos profissionais da educação.

O texto procura abrir novos horizontes para que a música possa ser aplicada em uma Educação Inclusiva concreta. “Precisamos permitir que todo indivíduo vivencie a música e construa seu próprio significado, pois não existe um conceito fechado. O que a música é para alguém, somente ele mesmo pode definir” (Akeho, Gomes, 2014, p. 22).

Os autores defendem o pertencimento musical dos sujeitos surdo, desmistificando a ideia de que a música seja algo impossível para o surdo. O sujeito surdo não está impedido de sentir a música e de se expressar com ela. Cada potencialidade permite o alcance a ela de forma completa e intensa, aos sentidos de cada indivíduo.

O artigo **“Música, musicoterapia e surdez: uma revisão literária”** de Gustavo Gattino e Igor Rodrigues (2015) realizou um levantamento bibliográfico com o objetivo de quebrar as barreiras que afastam o/a surdo/a da música. Pesquisas mostram a falta de valorização da identidade da pessoa surda e, no que diz respeito à música, as propostas são apenas para usá-la como meio de se desenvolver a oralidade, e não como um fim. A música faz parte de todo ser vivente, e todos têm direito de se expressarem por meio dela.

No que diz respeito ao manejo terapêutico do/a surdo/a, fala-se sobre o desenvolvimento da eletroacústica, que auxiliou no desenvolvimento da oralidade. A terapia vibro-acústica, conhecida como talvez o único meio de se trabalhar a música com pessoas surdas, utiliza ondas sonoras vibracionais. Assim, os surdos podem experimentar e se relacionar com a música. Durante a musicoterapia, são utilizados instrumentos musicais, principalmente por meio das crianças, que se relacionam através dos canais sensoriais. Os autores apresentaram um estudo que relaciona a música com a Língua de Sinais na primeira infância, e o resultado foi satisfatório. Segundo os autores Gattino e Rodrigues (2015),

A música deve ser sempre usada, mesmo que a surdez esteja no nível mais severo e profundo, mesmo quando se trata de um bebê com perda auditiva. Acredita-se que expor essa criança frequentemente à música traz ótimos resultados e benefícios em termos de desenvolvimento social (Gattino e Rodrigues, 2015, p. 11).

A surdez não torna o indivíduo incapaz de apreciar a música e o efeito que ela proporciona. A música auxilia no desenvolvimento social e comunicativo. Favorece um ambiente harmonioso e aconchegante, fazendo o bebê, a criança ou adulto se sentirem mais confiantes. Mas é preciso que se criem novas formas e ferramentas para que o surdo possa se relacionar com a música de uma maneira mais significativa (Rodrigues, Igor, Ortega, 2014). Com isso, alguns estudos desenvolveram “um currículo de música para surdos”. No Brasil, desenvolveu o software “CromoTmusic”, que tem como objetivo transformar o padrão auditivo musical em padrão visual. Através deste, os surdos podem expressar suas próprias musicalidades.

Os autores concluem que, baseando-se nas fontes de suas pesquisas relacionadas aos diversos tipos de trabalhos com a música e o/a surdo/a, percebe-se a falta de investimento na área em propor novos avanços e formas de se trabalhar a música com a pessoa surda. A prática mais conhecida é a vibro acústica. No entanto, estudos que desenvolveram softwares apresentaram formas musicais através da visão, beneficiando o papel do significado a partir da música, auxiliando as crianças a compreenderem melhor a música transmitida.

Todo ser humano possui emoções, e a música está inteiramente relacionada à liberação das emoções, presente em todo o indivíduo. Inclusive, o sujeito surdo, que também tem direito de apreciar a música e expressar-se com ela. Portanto, é preciso impor seus direitos para a criação de formas acessíveis no alcance musical.

O artigo **“Alfabetização e Letramento do Sujeito Surdo: uso dos instrumentos específicos”**, de Ana Paula Freitas e Jean Alexandro Wathier (2016), apresenta uma reflexão acerca dos instrumentos utilizados com os surdos no processo de alfabetização e letramento.

Posto isto, os autores Freitas e Wathier (2016) iniciam o estudo sobre a educação de surdos. A pesquisa teve como principal objetivo analisar a educação de surdos e os métodos utilizados ao longo da história. Sendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) a língua materna dos surdos, ela se torna o principal instrumento no processo de aprendizagem na educação de surdos. Para uma melhor eficácia nesse processo, os autores destacam a grande necessidade de formação de professores e

no conhecimento da Libras. A partir disso, outros recursos seriam desenvolvidos e aprimorados para o desenvolvimento dos profissionais e estudantes surdos.

A pesquisa do artigo possui caráter qualitativo, realizada através de uma revisão literária no banco de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, focando nos trabalhos de educação especial no período de 2009 a 2013. A partir das pesquisas, notou-se que a discussão sobre alfabetização e letramento de pessoas surdas é pouco explorada. Enquanto uma extensa diversidade de assuntos é abordada em todas as regiões do Brasil, foram analisados 14 trabalhos, dos quais nove abordavam a Libras como o principal instrumento de estudo, quatro sobre bilinguismo, e a pedagogia surda também como principal instrumento de estudo.

Os autores concluem afirmando que houve um avanço na educação de surdos, mas ainda falta muito, pois os que existem estão apenas em centros especializados. Quanto às formações dos professores, é necessário que se tornem aptos a utilizar os instrumentos de estudos dos/as surdos/as para poder aplicá-los com eficácia. O estudo comprova a utilização de materiais concretos nesse processo, que, conforme o avanço tecnológico, precisam ser aprimorados, visando atender os sujeitos em seu crescimento cognitivo.

No presente artigo, as autoras não mencionam a música como estratégia de aprendizagem das crianças surdas. A pesquisa se concentra em evidenciar a Libras como o principal instrumento de ensino, especificamente alfabetização e letramento de pessoas surdas, como uma eficaz fonte de comunicação.

O artigo **“Música, musicoterapia e práticas de letramento: uma reflexão”** de Carolina Santos (2018) diz que a música é uma das linguagens da criança. Segundo a autora, para que a leitura e a escrita aconteçam, é necessária que a criança as perceba em suas práticas sociais. O letramento valoriza os conhecimentos dos sujeitos, tornando-os ativos socialmente, e a partir daí, desenvolver a prática através da alfabetização, juntamente com a música, que faz parte de uma etapa natural no desenvolvimento da criança, em sua ampliação linguística. A musicoterapia torna-a mais criativa. Através da música, o sujeito toma forma ao se expressar, se representando socialmente. A autora conclui que a

música é uma importante ferramenta no letramento das crianças, contribuindo com a criatividade e expressão.

Aqui, a música está como principal vínculo nas interações entre os indivíduos. Interações que levam ao letramento, essencial durante a alfabetização. As reflexões sobre a música e musicalização levaram a torná-la um meio de aprendizagem, quebrando as barreiras da timidez e encorajando os estudantes a expressar a criatividade por meio da linguagem musical.

O artigo **“Alfabetização e Letramento de Surdos: uma ênfase na língua brasileira de sinais”** de Maritania dos Santos Padilha *et al.* (2021) nos traz uma reflexão sobre o que tem sido realizado acerca da inclusão escolar no Brasil. Os autores afirmam que:

“O que se tem observado é que, embora os estudantes com deficiência estejam sendo matriculados nas escolas regulares, poucas adequações têm sido efetuadas para garantir que este participe do processo de aprendizagem, deixando de ser simples expectador” (PADILHA *et al.*, 2021, p. 4).

Não é apenas implantar a educação inclusiva, é sobre organizar, planejar se preparar para atender às necessidades da pessoa com deficiência e não fazer com que ela se adapte ao modelo escolar implantado.

Foram analisadas pesquisas nos anos de 2019 e 2020, constatando a Libras como agente facilitador no processo de alfabetização e letramento de surdos. Os resultados da pesquisa mostraram que muitos surdos não estão alfabetizados e os que usam a Língua de Sinais utilizam-na de forma precária. Os resultados mostraram também um alto índice de professores que não possuem formação e nem conhecem o básico da Libras.

Nas situações dos alunos matriculados nas escolas regulares, existe um intérprete educacional responsável pela tradução da aula para o aluno e do aluno para o professor. Mas esta não é bem a solução para o problema, pois traduzir uma aula não significa que o estudante surdo vá compreender os conteúdos. É necessário que o professor tenha um olhar sensível às especificidades da cultura surda.

Conforme a metodologia e análise dos dados da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, o objetivo foi analisar as situações como acontecem, e não

em quantificá-las. Foi feito um levantamento sobre os artigos que discutiam o uso da Libras no processo de alfabetização e letramento dos surdos, nos períodos de 2019 e 2020. Para a realização da análise, foi utilizado um quadro contendo os dados da pesquisa, como nome do autor, título e resultados. A partir disso, foi possível identificar uma unanimidade entre os autores no que diz respeito à Libras como fio condutor no processo de alfabetização de estudantes surdos.

Os autores concluem que a Política Nacional de Alfabetização (PNA) não contempla de fato uma educação inclusiva. As pesquisas comprovam a importância da língua materna desde a educação básica e a formação de professores em Libras para uma aprendizagem eficaz, valorizando a cultura dos sujeitos e a diversidade linguística.

No artigo, os autores destacam a valorização da Libras em todo o processo de formação do profissional, no desenvolvimento do estudante e na real efetivação de uma educação inclusiva. A presença de um intérprete educacional é fundamental, mas o principal responsável pelo processo de aprendizagem do aluno é o professor. Portanto, é necessário que ele conheça a língua materna dos surdos e tenha uma participação ativa no ensino.

Os autores não fazem menção à música no processo de alfabetização dos/as surdos/as. Destaca-se a Libras, a língua materna dos surdos, como a responsável pela aprendizagem. Sendo assim, ela torna-se responsável por toda expansão da sociabilidade do sujeito surdo, incluindo a música.

#### **4.1 DESTAQUES DA PESQUISA**

A seguir, serão apresentados os principais pontos das produções analisadas.

O quadro abaixo foi elaborado com base nos dados coletados, segundo a análise dentre as cinco produções científicas escolhidas dos últimos dez anos (2013 à 2023) sobre a utilização da música no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos na escola pública. O quadro destaca os critérios de “título da produção científica” como identificação da pesquisa realizada. Também destaca os “resultados positivos”, evidenciando os principais avanços encontrados na pesquisa,

e os “resultados negativos”, como reflexão para a solução dos problemas encontrados relacionado ao tema da pesquisa:

**Quadro 1:** Aspectos positivos e negativos encontrados na análise das pesquisas

Produção científica	Resultados positivos	Resultados negativos
Alfabetização e Letramento do Sujeito Surdo: uso dos instrumentos específicos	Houve avanço da educação de surdos, e nos centros especializados. Principais instrumentos de estudo: LIBRAS, bilinguismo e Pedagogia surda.	Os materiais concretos precisam ser aprimorados com o avanço tecnológico, e a precariedade em formações de professores para a educação de surdos.
Alfabetização e Letramento de Surdos: uma ênfase na língua brasileira de sinais	A LIBRAS é a maior facilitadora no processo de alfabetização da Língua Portuguesa para os surdos.	Baixo nível de preparação dos profissionais do AEE, e a falta de aquisição da Língua de Sinais, pelos professores.
Música, musicoterapia e surdez: uma revisão literária	A surdez não torna o indivíduo incapaz de apreciar a música. E ela auxilia no desenvolvimento social e da autoconfiança do surdo. O uso da vibro acústica e os softwares.	Falta da valorização da identidade da pessoa surda, em relação a música. E a falta de investimento na área.
Música, musicoterapia e práticas de letramento: uma reflexão	A música auxilia no desenvolvimento cerebral, cognitivo, linguagem, e nas relações socioafetivas das crianças. E o letramento torna o sujeito ativo socialmente.	O texto traz uma reflexão quanto ao uso da música no processo de letramento na Educação Infantil. Tem sido usado?
Musicalização para Surdos: contextualização e possibilidades de abordagem	Todos (surdos e ouvintes) têm o direito de usufruir da música, e o escutar através da cooperação dos sentidos.	Falta de preparo aos profissionais, e a falta de recursos.

O quadro-síntese apresenta como principal avanço no processo de alfabetização e letramento dos sujeitos surdos o uso da Libras. Como principal fio condutor, ela se torna responsável pela aquisição de conhecimentos, por ser a língua materna dos surdos. Outro ponto positivo é que a música não é inalcançável para os surdos. Além de ser um importante instrumento no desenvolvimento social, criativo e comunicativo, ela auxilia no processo de letramento desde a infância.

Os principais pontos negativos mostram a carência na formação de professores em relação à Libras, a má manutenção dos materiais tecnológicos e concretos, a falta de conscientização das potencialidades musicais do sujeito surdo e a carência do uso da música, no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Em unanimidade, a Libras foi destacada, como o principal instrumento de aprendizagem para a pessoa surda, desde a alfabetização e letramento, às experiências musicais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A música está presente na Educação Infantil e contribui significativamente com o desenvolvimento das crianças (BNCC, 2018). Numa perspectiva inclusiva, esta pesquisa buscou refletir sobre os direitos e a aprendizagem de crianças surdas. Assim como a música contribui para o desenvolvimento de crianças ouvintes, igualmente acontece com as crianças surdas.

Habilidades musicais não estão relacionadas com a capacidade auditiva do indivíduo, mas, conforme a habilidade musical de cada um. Gardner (1995) desenvolveu a classificação das sete inteligências. Entre elas, a inteligência musical, que está presente no ser humano, localizada na região cerebral. Sendo esta, uma zona que passa por estímulos, e pode desenvolver altas habilidades. Ou seja, qualquer indivíduo possui a inteligência musical.

A pesquisa alcançou o objetivo relacionado à aprendizagem das crianças surdas e à música, argumentando, a partir da literatura consultada, ser possível e fundamental para a interação e comunicação entre elas. E como principal fonte desta aprendizagem, a Libras, como língua materna, é importante indicativo na ação inclusiva.

O problema da pesquisa buscou refletir sobre como usar a música em sala de aula de modo que todas as crianças compreendam seu uso e aprendam com ela, em específico, as crianças surdas. Primeiramente, através de formações específicas para os professores, relacionados à Libras, e ao uso de diferentes materiais, desde a expressão corporal até o uso de materiais de tecnologia assistiva. Ferreira (2013) apresenta diversas formas de usar a música, estimulando diferentes habilidades, desde o cantar ao encenar. E a Sociedade Nacional de Crianças Surdas (NDCS), que criou um guia (NDCS, 2019), instruindo sobre o uso da música em atividades acessíveis com crianças e jovens surdos. O material é um grande impulsionador para esta prática.

Os principais resultados desta pesquisa mostram a importância da língua materna para o sujeito surdo, desde os seus primeiros anos de vida. Isso está estabelecido na Lei nº 9394/96, como direito de acompanhamento bilíngue em toda a trajetória. Para a alfabetização e letramento dos surdos, a Libras se torna peça fundamental, sendo também durante a sua aprendizagem musical.

A pesquisa trouxe exemplos e evidências que a música faz parte de todo ser humano, e cada um possui a sua habilidade de apreciá-la e de produzi-la. Usar a música na aprendizagem de crianças surdas proporciona benefícios em sua sociabilidade e autoconfiança, além da capacidade de explorar diferentes instrumentos e de se identificar com algum, que será usado de forma interdisciplinar.

Não foram encontrados trabalhos de pesquisa de campo relacionados ao tema. As análises foram de caráter bibliográfico e estudo de casos. Foi apontada a falta de formação de professores para atuar com o público diverso, identificar pontos convergentes entre os estudos, como a interação, a comunicação, a psicomotricidade, a linguagem e os efeitos positivos da música sobre a socialização das crianças. Evidenciando-se a necessidade de formações específicas para a prática.

Segundo a Revista da Sociedade Nacional de Crianças Surdas (NDCS) “todas as crianças e jovens tem direito a uma educação musical excelente e é vital que profissionais entendam como construir as lições e atividades da maneira mais acessível possível” (NDCS, 2019, p. 2). Portanto, é importante oferecer formações específicas aos profissionais da educação, relacionadas à Libras, e instigar as

diferentes formas de se usar a música na aprendizagem da criança surda. Trata-se de incluir e oportunizar as habilidades de todos.

## 6. REFERÊNCIAS

AKEHO, Laysa; GOMES, Ivo. **Musicalização para Surdos: contextualização e possibilidades de abordagem**. 2014. 24 p. Artigo. Volume 6 – Revista Formação Docente. Belo Horizonte, 2014.

ANTUNES, Celso. *Inclusão: O nascer de uma nova pedagogia*. São Paulo: Ciranda cultural, 2008.

BETTIO, Claudia Daiane Batista *et al.* **Desenho Universal para a Aprendizagem e Ensino Inclusivo da Educação Infantil**. 1 ed. Ribeirão Preto: FFCLRP-USP, 2021.

BRAGATTO, Rosângela. A importância da música no processo de Alfabetização. Monografia. 43 p. (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2012.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Ministério da educação**, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 13, set. 2023.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LBD – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

**Como tornar atividades musicais acessíveis para crianças e jovens surdos**. Organização NDCS. Universidade Federal de São Carlos, 2019. Disponível em: <<https://www.nepedeees.ufscar.br/arquivos/como-tornar-atividades-musicais-acessiveis-para-criancas-e-jovens-surdos/view>>. Acesso em: 29 de mar. 2024.

CUNHA, R.; VOLPI, S. A PRÁTICA DA MUSICOTERAPIA EM DIFERENTES ÁREAS DE ATUAÇÃO. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 3, n. 1, 2008. DOI: 10.33871/19805071.2008.3.1.1627. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1627>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. 13 p. (R. Cient.). Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2008.

FERREIRA, Martins. *Como usar a música na sala de aula*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GATTINO, Gustavo; RODRIGUES, Igor. **Música, musicoterapia e surdez: uma revisão literária**. 2015. 18 p. Artigo. Volume 14 - Revista Nupeart.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. *Alfabetizar letrando com a tradição oral*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GRANJA, Carlos. **Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação**. São Paulo: Escrituras, 2006.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. **A Musicalidade do surdo: representação e estigma**. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

IAZZETTA, Fernando. O que é a música (hoje). (I Fórum Catarinense de musicoterapia). Universidade de São Paulo, Florianópolis, 2001.

MARTINS, Michel. A música e o processo educativo: atos, recortes e cenas pedagógicas. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MENDES, Enicéia; ZERBATO, Ana. **O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas**. 2021. 19 p. Artigo. São Paulo, 2021.

MENDES, Rodrigo. O que é o Desenho Universal para Aprendizagem. **Diversa**, 2017. Disponível em: <<https://diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem/>> Acesso em: 13, set. 2023.

PADILHA, Maritania dos Santos *et al.* Alfabetização e letramento de surdos: uma ênfase na língua brasileira de sinais. **Revista Teias do Conhecimento**, [s. l.], 2021. DOI <http://doi.org/10.5212/RevTeiasConhecimento.v1i1.20210114>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/teias>. Acesso em: 23 ago. 2023.

REGINA, Ana; CAMPELLO, Souza. **Pedagogia visual na Educação de surdos-mudos**. 2008. 169 p. Tese de pós-graduação – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

RODRIGUES, I. O. Audiovisualidade em música: processos perceptivos e cognitivos. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, p. 9-28, 2014.

SANTOS, Carolina. **Música, musicoterapia e práticas de letramento: uma reflexão**. 2018. 18 p. Artigo. Volume 2 - Revista Brasileira de Musicoterapia.

SILVA, Jaqueline. Letramento: Uma prática em busca da (re)leitura do mundo. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

SOUSA, Rejane. **Musicoterapia: o que é, benefícios, como a música pode mudar sua vida**. Psicologia viva conexa, 2018. Disponível em: <<https://blog.psicologiaviva.com.br/musicoterapia/>>. Acesso em: 22, ago. 2023.

VALLE, Luiza R. Cérebro e aprendizagem: um jeito diferente de viver. São Paulo: Tecmedd Editora, 2004.

WATHIER, Jean Alexandre; FREITAS, Ana Paula. **Alfabetização e Letramento do Sujeito Surdo: uso dos instrumentos específicos**. 2016. 15 p. Artigo (Educação especial) - Universidade São Francisco, Campus, 2016.